

Design e decolonialidade: apontamentos geo-projetuais

Diseño y Decolonialidad: notas geo-proyectuales

Bruno Ribeiro do Nascimento¹

Resumo

Este ensaio reflexivo se propõe a discutir as relações entre o Design e a matriz de poder colonial/moderna, partindo da constatação do papel central da disciplina para a conformação de procedimentos de dominação sobre o corpo e a natureza. Analiticamente, propor-se-á um percurso conceitual-teórico crítico, orientado pelo conceito *anátomo-política* (FOUCAULT, 2010) e posteriormente pelo conceito de *corpo-política do conhecimento* (MIGNOLO, 2010). A fim de fornecer elementos reflexivos por um *a-fazer* projetual latino-americano.

Palavras-Chave: Design e poder; Design decolonial; corpo-política; geo-projetualidade; decolonialidade.

Resumen

Este ensayo teórico pretende discutir las relaciones entre el Diseño y la matriz de poder colonial/moderno, partiendo de la constatación del papel central de la disciplina para la conformación de los procedimientos de dominación sobre el cuerpo y la naturaleza. Analíticamente se propondrá un camino conceptual-teórico crítico, guiado por el concepto de *anátomo-política* (FOUCAULT, 2010) y posteriormente por el concepto *corpo-política del conocimiento* (MIGNOLO, 2010). A fin de proporcionar elementos de reflexión para un hacer proyectual latinoamericano.

Palabras clave: Diseño y poder; diseño decolonial; corpo-política; geo-proyectualidad; Decolonialidad

1. Introdução

Como disciplina e prática profissional, o Design surgiu a partir da Revolução Industrial europeia (em torno de 1750), tendo desde então seu corpo teórico e seu escopo prático estruturado desde sua centralidade em relação às exigências mercadológicas: na promoção e disseminação da cultura de consumo, por um lado; e, por processos de criação e inovação de produtos, de outro. Concebendo-o como ferramenta essencial para a manutenção e propagação dos pressupostos moderno/coloniais no mundo (TABOADA et al., 2020). Durante a década de 2000, teóricos e profissionais da área passaram a refletir acerca do campo de atuação do Design, buscando redimensionar o papel social da disciplina. Estas reflexões comumente têm sido desenvolvidas nos marcos do discurso da inclusão social, sejam referentes à dinâmica econômica (Design e economia criativa, dentre outros) ou sociocultural (“*resgaste*” e valorização de identidades tradicionais) e tem proposto novos perfis de atuação do Design, em comunidades e organizações sociais.

¹ Graduado em Design; Universidade Federal do Ceará – UFC; Vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Arte, Ciência e Tecnologia – actLAB, do Programa de Pós-graduação de Artes da UFC, coordenado pela profa. Dra. Cláudia Marinho; Fortaleza, Ceará, Brasil; brunobew@design.ufc.br.

Contudo, mesmo perspectivas de viés social do Design, têm sido questionadas quanto a sua disposição em replicar lógicas moderno/capitalista ao privilegiar modelos socioculturais que representam a diluição de tradições e saberes não Europa-centradas. Isso levou pesquisadores e teóricos críticos do campo a questionarem o papel que o Design desempenhou nos processos de dominação cultura/colonial no passado e o que continua a desempenhar nos processos neocoloniais e imperialistas hoje. Bruce Nussbaum (2010) propôs reflexões provocativas sobre o papel dos designers nesta perspectiva: “Serão os designers os novos antropólogos ou missionários, que vêm penetrar na vida das comunidades, ‘compreendê-la’ e torná-la melhor — desde sua perspectiva ‘moderna’?” (NUSSBAUM, 2010, traduzido pelo autor). Ampliando a reflexão, já em 1989, a pesquisadora indiana Rajeshwari Ghose traça uma perspectiva crítica, observando as tensões socioculturais que a introdução do Design moderno teve na Ásia, uma vez que sua prática projetual “carrega consigo todos os fundamentos ideológicos das associações, aspirações e debates do Primeiro Mundo”, incorrendo em “um exame de consciência muito sério entre os projetistas pensantes da Ásia nos últimos anos” (GHOSE, 1989, p.39, traduzido pelo autor).

Parte desta dificuldade se canaliza pela dificuldade da disciplina de se compreender como fenômeno socialmente referenciado e localizado histórico e geo-graficamente, perfilando a compreensão do Design enquanto um saber-prático *uni-versal* e a-histórico. Que dificulta entender sua função dentro das relações de poder moderno/colonial e, por consequência, as relações de poder que o atravessam e condicionam os seus fundamentos projetuais e metodológicos.

Este artigo se propõe discutir as relações entre o Design e a matriz de poder colonial/moderna, partindo da constatação da centralidade da disciplina para a conformação de procedimentos de dominação sobre o corpo e a natureza. Na busca de incentivar discussões e propor elementos reflexivos para pensar um design decolonial latino-americano.

Recentemente, entretanto, os paradigmas moderno/capitalistas do Design têm sido questionados para além de seu campo de atuação, mas sobre suas próprias bases teórico-metodológicas, desde o enfoque pós-colonial e de-colonial. Promovido por teóricos sociais do Design, tais como Fry (2009), Escobar (2018) e Irwin (2015), dentre outros. Apesar dos esforços teóricos e reflexivos, ainda se encontram dificuldades teórico-práticas para incorporá-las à realidade cotidiana dos designers (TABOADA *et al.*, 2020).

2. Definições e percurso

Em virtude de seu caráter transdisciplinar e da amplitude de seu escopo prático, o Design autoriza uma multiplicidade de definições de sua natureza que, apesar de assinalar sua pluralidade, geram indeterminações e estranhezas no interior da disciplina (BECCARI, 2012). Deste modo, definir-se-á o Design neste artigo desde uma perspectiva ampla e praxiológica, enquanto o ato mesmo de projetar, de natureza integrativa entre a ciência, a tecnologia e a estética (DUSSEL, 1984), ocupada com a produção de artefatos semióticos e materiais. Com efeito, o ato de projetar corporifica-se mediante a artefaturalidade do projeto, sendo este, a independer da área de atividade do designer, sua ferramenta de atuação prioritária, através do qual edifica toda a ação de pensamento e construção conceitual (NASCIMENTO, 2019).

Como orientação metodológica e reflexiva se adotará a dupla perspectiva decolonial: *analítica* e *programática*, proposta por Mignolo (2010). Onde, a perspectiva analítica consistirá na constituição de cenário crítico do Design, como fruto do avanço da matriz colonial de poder por sobre o corpo e a natureza. E *programático* por incorporar discussão que vise à noção de

“*desprendimento*” (QUIJANO, 1992), como ferramenta para re-pensar a prática projetual de uma perspectiva decolonial.

Enquanto quadro teórico este artigo partirá inicialmente do conceito de *anátomo-política*, assim definido por Foucault (2010, p.131) como procedimentos de poder centralizados no corpo como máquina. Cujas finalidades serão a de fornecer suporte para entender a relação entre Design e as estruturas de poder. Também se recorrerá às leituras maximinianas de Enrique Dussel, especialmente do caderno B56 referentes aos *Manuscritos de 1861-1863* de Karl Marx, conhecido como Caderno tecnológico-histórico.

3. A máquina e o projeto: colonialidade da cultura material

A posição do corpo no processo de produção da cultura material (*Kultur*) estrutura a matriz de poder de uma determinada sociedade. O modo de produção artesanal, característico do capitalismo mercantil, se organizava pela centralidade da corporalidade do sujeito-artesão no processo de produção da vida material. O corpo-artesão manejava as ferramentas e transformava a natureza, ditando o ritmo e a direção do processo de produção.

Os avanços científicos possibilitaram o surgimento das máquinas e a consequente inserção destas nas relações sociais modifica a posição do corpo na produção da cultura material. Se antes a corporalidade vivente ditava o processo de produção, agora essa função passa a máquina e o corpo é reduzido a objeto (*objetum*) a ser manejado por ela. Essa modificação da localização do corpo no processo de produção marca a mudança da matriz de poder europeia e inaugurou nova forma de colonialidade sobre o corpo e a natureza. Foucault (2010) caracteriza esse procedimento como anátomo-política caracterizada por objetivar o corpo como máquina, em busca de maximizar a extração de sua força produtiva.

A colonização da cultura material parte da mesma premissa de poder colonial de “esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e todo conteúdo” (FANON, 2005, p.175). O corpo objetivado, esvaziado de todo pensamento, é mecanizado pelas máquinas que demarcam o território de seu trabalho. As máquinas assim colonizam o *a-fazer* humano, dita-o, molda-o. Marx observou (*apud* DUSSEL, 1984, p.121) que o processo de assujeitamento do corpo à máquina produz necessidade de outros aparatos para assegurar o processo de controle e dominação. Assim as máquinas irão inquirir outro aparato, comumente pouco discutido, mas essencial para o sucesso de colonização do *a-fazer* humano e elemento fundante da disciplina do Design: o *projeto*.

O *projeto* cumpre aquilo que as máquinas impossibilitaram os homens de realizar: conceber a totalidade do processo produtivo e conceutivo da materialidade (*eidos*), estruturando o fluxo de trabalho, bem como geo-localizando os corpos nele. A noção moderna de projeto surge quando este é alçado a aparato disciplinário de anátomo-política, destinado a organizar a territorialidade colonizada pelas máquinas. O Design surge assim no momento da consolidação de novas modalidades de colonização do corpo e da natureza.

4. Corpo-política e geo-projetualidade

Por isso, mesmo as vertentes sensíveis ao papel social do Design, não incomum apontam para a normatização dos sujeitos e práticas para integração ao processo produtivo regular ou por posições de “*regaste*” do Outro.

Se o conceito de anátomo-política permite vislumbrar o forjamento destas relações de poder na Europa, em um segundo momento, este conceito deverá abrir espaço para o conceito

decolonial de corpo-política do conhecimento (MIGNOLO, 2010) como chave para situar o Design nas relações de poder nos territórios além-Europa. Perpassando pela des-naturalização do Design e da projetualidade e incorrendo em novas concepções que evidenciem as posições de poder que o atravessam. Ou seja, pensar o Design desde outra geo-política, desde outro mundo ignorado, negado, desde o “não-ser” ameríndio (DUSSEL, 1984). Doutra modo, pensar em termos geo-projetuais, onde o *a-fazer* projetual parta dos corpos colonizados, e incorpore outros modos de conceber a vida, a natureza e a relação homem-homem.

5. Consideração finais

O giro decolonial para o Design perpassa por compreender o projeto como ferramenta de poder moderno/colonial que engendra em sua concepção moderna o assujeitamento do Outro e implica em uma organização específica do modo de reprodução cultural humana Europa-centrada. É necessário não apenas direcionar o Design em relação a sua função social, mas de tomar *another rout*, questionando o próprio lócus de enunciação que ele estabelece dentro das relações de poder e as concepções incutidas na própria forma do *a-fazer* projetual.

Referências

- DUSSEL, E. Estudio preliminar al “Cuaderno tecnológico-histórico”. In: Marx, K. *Cuaderno tecnológico-histórico* (Extractos de la lectura B 56, Londres 1851). Puebla, México. Editorial Universidad Autónoma de Puebla, 1984. (Obra completa)
- FANON, F. *Os Condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. (Obra completa)
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber* (Vol. 1). São Paulo: Edições Graal, 2010. (Obra completa)
- MIGNOLO, W. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2010, 126 p. (Obra completa)
- NASCIMENTO, B.R. *Design em torno do vazío: apontamentos teóricos para uma linguagem do projeto*. 2019. 97 f. (Trabalho de Conclusão de Curso)
- QUIJANO, A. Colonialidad y modernidade/racionalidade. En Los conquistados. 1942 y la población indígena de las Américas. In: *H. Bonilla* (Comp.) Quito: Tercer Mundo-Libri Mundi editores, 1992. (Artigo em Periódico Digital)
- TABOADA, M. B.; ROJAS-LIZANA, S.; DUTRA, L.X.C.; LEVU, A. V. M. Decolonial Design in Practice: designing meaningful and transformative science communications for navakavu, fiji. In: *Design and culture* [S.L.], v. 12, n. 2, p. 141-164, 26 fev. 2020. (Artigo em Periódico Digital)